

## Um Sartre para nosso tempo: história e atualidade das proposições de um pensador múltiplo para a psicologia clínica

### A Sartre for our time: history and actuality of the propositions of a multiple thinker for clinical psychology

Carolina Freire D'Araújo Dhein<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

103

Rodolfo Rodrigues de Souza<sup>2</sup>

Centro Universitário Celso Lisboa (UCL)

#### RESUMO

O artigo busca refletir sobre a trajetória do filósofo francês Jean-Paul Sartre e sobre os elementos encontrados em suas reflexões que podem inspirar um fazer para a psicologia clínica no contemporâneo. Neste esforço, partiremos de um olhar para a biografia de Sartre desde seus primeiros anos até a compreensão da inexorável conexão entre existente e mundo. Olhando para a noção de engajamento defendida por Sartre, apontaremos para algumas questões políticas e sociais as quais ele correspondeu em seu tempo. Em seguida, olharemos para questões contemporâneas que suas proposições nos auxiliam a pensar e em como sua filosofia nos acena para caminhos possíveis para um fazer clínico que seja engajado no horizonte histórico que é o nosso.

#### PALAVRAS-CHAVE

Jean-Paul Sartre; Psicologia clínica; Engajamento; Contemporaneidade

#### ABSTRACT

<sup>1</sup> E-mail: [carolinadhein@hotmail.com](mailto:carolinadhein@hotmail.com), Orcid: [0000-0003-0861-6654](https://orcid.org/0000-0003-0861-6654)

<sup>2</sup> E-mail: [rodolforsouza@gmail.com](mailto:rodolforsouza@gmail.com), Orcid: [0000-0002-6204-1073](https://orcid.org/0000-0002-6204-1073)

This article proposes a reflection regarding the trajectory of the French philosopher Jean-Paul Sartre and the elements found in his thinking that can inspire contemporary clinical psychology. In this effort, we begin with a retrospective look to Sartre's biography from his early years up to the moment in which he understands the inexorable connection between the existent and the world. Then, we consider the notion of engagement defended by Sartre, pointing to some political and social issues that he responded to in his time. Subsequently, we consider the contemporary issues that his propositions help us to think about and how his philosophy points us towards possible paths for a clinical practice that is engaged in our historical horizon.

### KEYWORDS

Jean-Paul Sartre; Clinical psychology; Engagement; Contemporaneity

### INTRODUÇÃO

É possível que nenhum outro filósofo tenha alcançado, em vida, tamanha fama e popularidade como Jean-Paul Sartre. O jornalista Paulo Perdigão, tradutor de *O ser e o nada*, nos diz que,

Nenhum filósofo da história foi como Sartre, romancista, dramaturgo, crítico literário, crítico de arte, jornalista, militante político - e talvez por essa atividade múltipla, ele teve a escutá-lo a audiência mais vasta que um pensador conheceu em vida (PERDIGÃO, 1995, p. 17).

Mas poderíamos esbarrar no desafio proferido por alguns críticos contemporâneos a Sartre, tais como Raymond Aron (2008), de que as propostas deste pensador já estavam ultrapassadas tanto do ponto de vista de sua filosofia, quanto de suas ações e lutas políticas. Nesta obra, por exemplo, Aron (2008, p. 150. Tradução livre) afirma que “A intelectualidade dos anos 1960 tinha como deus não mais o Sartre do pós-Guerra, mas uma mistura de Lévi-Strauss, Foucault, Althusser e Lacan”. É também um importante documento deste modo de olhar para as ideias de Sartre os breves registros de Annie Cohen-Solal (2007) no livro *Sartre*, em que narra os momentos em que, buscando elementos para construção da biografia sobre o filósofo, ouvira de muitos que ele já estava ultrapassado. O século XX foi o século da crise das ciências, dos saberes filosóficos e da ruína da soberania da razão humana. E sem dúvida, todo o esforço de Sartre foi dar voz, por múltiplos caminhos, às convocações de seu tempo. No entanto, essa vasta audiência da qual nos fala Perdigão (1995) não se caracteriza apenas pelos louvores de um intelectual notável, mas também por uma trajetória polêmica, da qual foi alvo de muitas críticas.

Do ponto de vista de sua filosofia, Sartre é criticado por ser considerado um filósofo da subjetividade, caudatário da crise da metafísica moderna, entendendo com isso que ele coloca ênfase na primazia do indivíduo livre, soberano e refratário às determinações fáticas da vida. Do ponto de vista de seus posicionamentos políticos/sociais, é visto como um intelectual ligado aos acontecimentos do século XX.

*Um Sartre para nosso tempo: história e atualidade das proposições de um pensador múltiplo para a psicologia clínica*

Sem dúvida, o século XX é o século de Sartre, como bem intitulou Bernard Henry Lévy (2001). Mas, com isso, estaria ele para sempre relacionado aos acontecimentos que marcaram o século passado, como as lutas de classe, as guerras mundiais, o colonialismo, dentre outros? Diante desta problemática, lançamos o desafio: como o pensamento de Sartre pode contribuir para pensarmos as questões contemporâneas, não somente aquelas a que ele se debruçou em vida, mas principalmente aquelas que hoje nos convocam a pensar as situações concretas que circunscrevem o nosso tempo? E como podemos pensar as ressonâncias dessas contribuições no campo da psicologia clínica?

Quando tratamos da articulação do pensamento de Sartre com a psicologia clínica somos remetidos, primeiramente, ao interesse e ao rico diálogo proferido pelo próprio Sartre, desde os esboços de um projeto de psicologia fenomenológica (representados por seus textos inaugurais, como *A Imaginação*, *O Imaginário*, *A Transcendência do Ego* e o *Esboço de uma Teoria das Emoções*), passando pelas primeiras linhas esboçadas em *O ser e o nada* em torno de sua psicanálise existencial, culminando na compreensão da existência histórica expressa em suas biografias existenciais, tais como *Saint Genet* e *O Idiota da Família*. Somente por esses projetos já poderíamos dizer que a psicologia atravessa o pensamento de Sartre de ponta a ponta. Entretanto, não é apenas por meio das obras em que Sartre endereça diretamente o tema da psicologia que essa interlocução é possível, mas sobretudo pela primordial preocupação de Sartre com o sentido originário da existência humana, com a compreensão do existente humano em sua experiência concreta, na sua gama de relações históricas e sociais que desde sempre o circunscreve. Todos esses argumentos nos levam a compreensão de que a clínica, a partir do pensamento de Sartre, não se separa da vida em todas as suas dimensões. Então, esses argumentos por si só já justificariam a contribuição do pensamento de Sartre não só para a própria clínica como também, correlativamente, ao nosso tempo.

É evidente que as reflexões empreendidas pelo pensador são realizadas em um campo que nos é estrangeiro. A psicologia, apesar de sua indiscutível vinculação com o campo filosófico, não se confunde com esse fazer. É preciso que nos inspiremos nas reflexões filosóficas para, dali, refletirmos sobre este fazer clínico. Decerto que o caminho fica mais suave quando já pavimentado pelo próprio filósofo, mas ele nos dá mais pistas do que territórios “definidos” por onde devemos pisar.

Esta reflexão nos convoca, de partida, a um olhar retrospectivo. Qual foi, afinal, a época de Sartre e como ele lidou com ela? Partiremos, primeiramente, de um olhar que possa situar algumas das noções fundamentais de sua ontologia na própria história de vida de Sartre: em que momento se percebe interessado por uma filosofia que possa se voltar para a existência concreta? E quando passa, então, a encarar sua responsabilidade diante do mundo, compreendendo que o existente e a história se dão em uma dialética indissociável? Em seguida, passamos às apropriações de tais

reflexões até então empreendidas para a possibilidade de constituição de algo como uma psicologia clínica afinada com as questões que a contemporaneidade nos coloca.

## O SARTRE DE SEU TEMPO: SITUANDO O PENSADOR E SUA BIOGRAFIA

Jean-Paul Sartre nasce em 1905, mesmo ano da primeira revolução Russa e da laicização do Estado na França, acentuando e garantindo, por exemplo, que o ensino nos liceus franceses seria laico. Filho de Anne-Marie Schweitzer e Jean-Baptiste Sartre, o pequeno Poulou, como era chamado em família, passa a viver na casa dos avós maternos em Meudon quando tem pouco mais de um ano de idade. Sua diversão de infância era, em grande parte, ir ao cinema com a mãe e imitar os heróis dos filmes e revistas de faroeste. Fugia com Anne-Marie para as salas de projeção, consideradas, então, um espaço de degenerescência para os jovens espíritos da pequena burguesia, sendo o teatro a arte mais bem vista para esta classe. Sobre sua mãe, conta-nos Sartre que se entendia mais como irmão do que como filho, uma vez que eram criados com o mesmo rigor pelos avós:

Mostram-me uma jovem gigante e me dizem que é minha mãe. Por mim, tomá-la-ia antes por uma irmã mais velha. [...] Há três quartos em nossa casa: o de meu avô, o de minha avó e o das “crianças”. As “crianças” somos nós: igualmente menores e igualmente sustentados. (SARTRE, 2018, p. 21)

Criado nesta família pequeno-burguesa com bons meios, desde criança estuda nas melhores instituições escolares de Paris, o que lhe garante um acesso facilitado à melhor universidade daquele momento na França, a *École Normale Supérieure* - Escola Normal Superior, em português. Ingressa na instituição em 1924, então com 19 anos, e sai quatro anos depois, em 1928, quando realiza uma tentativa fracassada de ser aprovado no exame mais concorrido do país, o *agrégation*, prova que garante ao aprovado uma carreira no magistério de nível médio ou superior.

Esses anos de normalista evidenciam um Sartre que não parece ter muita conexão com o futuro gênio que conhecemos por meio de suas peças, romances e ensaios.

Esponaneamente anarquista, Sartre não se interessa pelos partidos políticos institucionais, nem pelos debates parlamentares. Não se manifesta nas ruas, não lê jornais, não se arrebata por nenhuma causa, não perde ilusões, pois não tem nenhuma. (COHEN-SOLAL, 2008, p. 96)

Quanta distância em relação àquele intelectual que preside o simbólico Tribunal Russell, para julgar os crimes cometidos pelos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, ou ainda aquele que participa de julgamentos e manifestos em prol da luta pela libertação da Argélia! Kate Kirkpatrick (2020, p. 86), biógrafa de Simone de Beauvoir,

nos conta que, por exemplo, este Sartre universitário jogava balões cheios de água nos corredores da *École* gritando “Assim mijou Zaratustra!”.

Esse Sartre *enfant terrible*, como já mencionado, não é aprovado em sua primeira tentativa no exame *agrégation*, dedicando-se aos estudos ao longo de 1929 para uma segunda tentativa. É neste esforço que acaba por conhecer a jovem Simone de Beauvoir, que viria a ser sua companheira de vida. Neste mesmo ano, proporia a esta também filósofa uma relação aberta que duraria por toda a vida de ambos, em um acordo: “Entre nós’, explicava-me utilizando o vocabulário que lhe era caro, ‘trata-se de um amor necessário: convém que conheçamos também amores contingentes” (BEAUVOIR, 2018, p. 24).

Ambos são aprovados no exame de 1929, Sartre ficando em primeiro lugar e Beauvoir em segundo. Vale registrar que a jovem consegue esse feito mesmo sem ter tido a mesma trajetória em escolas renomadas de Paris, uma vez que a condição material de existência de sua família já não alcançava os mesmos níveis daquela dos Schweitzer. Além disso, algumas instituições de peso, como a própria *École*, de onde saia parte daqueles que eram aprovados no *agrégation*, só aceitavam homens. Inclusive, de acordo com as pesquisas de Kirkpatrick (2020), há indícios de que o primeiro lugar teria sido de Beauvoir, mas a banca - embora a considerasse a verdadeira filósofa entre os dois - concede a posição a Sartre por ser ele um homem e ter tido a trajetória nas instituições mais renomadas. Chama-nos atenção, nesse sentido, que essa diferença de acesso entre homens e mulheres também não parece ter sensibilizado o jovem Sartre em termos de certo engajamento naquele tempo.

Sobre essa dimensão da compreensão do engajamento, que nos importa mais especificamente na extensão deste texto, essa dupla seguirá incólume por muitos anos. Em 1933, por exemplo, Sartre, beneficiado com uma bolsa de estudos do Instituto Francês de Berlim, estuda na capital alemã sem tematizar em nenhum escrito da época o já perceptível antissemitismo e a miséria da população local. “Sartre foi, sem dúvida, um dos espectadores dessas cenas cotidianas, mas não teve a curiosidade de entrar nos bastidores. Permaneceu na plateia, como os outros, antinazista, porém ocupado” (COHEN-SOLAL, 2008, p. 135)<sup>3</sup>.

De acordo com Beauvoir, é a experiência da Segunda Grande Guerra que irá promover, em ambos, uma conversão. Sobre si mesma, escreve a filósofa que “a História pegou-me para não mais largar” (BEAUVOIR, 2018, p. 294). Beauvoir situa esse momento de conversão à História na primavera de 1939, mas Kirkpatrick encontra nos registros da pensadora uma versão diferente. É com o retorno de Sartre do campo onde fora prisioneiro de guerra de 1940 até 1941 que começa a perceber uma mudança no companheiro.

---

<sup>3</sup> Uma outra crítica relevante que envolve os horrores nazistas é que, mesmo após compreender a importância da História e se tornar a “bússola ética” (COHEN-SOLAL, 2007) de seu tempo, Sartre não denuncia nem tematiza os campos de concentração (TRAVERSO, 1999).

Os diários de Beauvoir mais uma vez mostram um lado diferente da versão que ela apresentou em suas memórias, onde descreveu a conversão de Sartre à política à custa de seus (de Simone) próprios pensamentos e ações. Ela escreveu que não via Sartre havia onze meses quando recebera uma nota no final de março de 1941: ele estava em Paris. Ele havia conseguido sair do acampamento alegando ser civil e usando seu olho direito quase cego como recurso. Beauvoir ficou exultante ao vê-lo, mas, em poucos dias, estava se perguntando: seria Sartre o mesmo homem? Ele ficava dando sermões, era impaciente, e ficou chocado por ela ter assinado uma declaração dizendo que não era judia. Era muito bom estar livre, disse ele, mas, agora, eles tinham que agir. Sartre estava falando de resistência; de expulsar os alemães da França. Mas ela ainda estava convencida de que eles, como indivíduos, eram totalmente impotentes. (KIRKPATRICK, 2020, p. 166-167)

Para Sartre, a experiência como prisioneiro de guerra, a parceria entre seus companheiros, os estudos realizados durante esse período, tudo isso apontava para a necessidade de uma ação engajada. Para a biógrafa de Sartre, a transição iniciada com a experiência da Guerra, em 1939, e com a compreensão da necessidade de ação em 1941 - culminando na experiência fracassada do movimento *Socialismo e Liberdade* -, marcam um processo de metamorfose de tal forma que “[o] Sartre de 1945 não se confunde com o 1939” (COHEN-SOLAL, 2008, p. 173).

Uma noção que marca de forma indelével essa metamorfose é justamente a de engajamento. Vejamos, por exemplo, o que nos escreve Sartre na apresentação do primeiro número da revista *Les Temps Modernes*, lançada por ele, Beauvoir e o filósofo Maurice Merleau-Ponty em 1945:

Não queremos ter vergonha de escrever e não temos vontade de falar para não dizer nada. E, aliás, se o quiséssemos, não conseguiríamos: ninguém consegue. Tudo o que é escrito possui um sentido, mesmo se esse sentido é bastante diverso daquele que o autor sonhara. [Um autor] está, de qualquer maneira, envolvido, marcado, comprometido até o dia final de sua aposentadoria. (SARTRE, 1999, p. 118)

Para o Sartre dos anos seguintes a 1939, cuja consciência vai se cozendo ao longo dos anos de formação e, em especial, nestes anos de Guerra, toda ação é engajada. Se fala do autor, é por se tratar do nascimento de uma revista. Poderíamos trocar os termos autor por existente, escrito por ato e teríamos o cerne da noção de engajamento: sem escapatória, tudo o que fazemos se dá em relação com o mundo circundante.

É já este o pensador que nos escreve *O ser e o nada*, pois, se a obra vinha sendo gestada desde a década de 1930, é finalizada para a publicação em 1943 englobando muitas reflexões empreendidas desde 1939, quando é convocado como meteorologista pelo exército francês. Assim, é forçoso reconhecermos que o humano de que fala Sartre em sua extensa obra é um humano que se reconhece nesse inexorável compromisso com sua existência. Afinal:

[...] um homem não existe da mesma maneira que uma árvore ou uma pedra: é preciso que ele *se faça* operário. Totalmente condicionado por sua classe, seu salário, a natureza de seu trabalho, condicionada até mesmo em seus sentimentos, até em seus pensamentos, é ele que decide o sentido de sua condição e da de seus camaradas, é ele que, livremente, dá ao proletariado um futuro de humilhação sem trégua ou de conquista e de vitória, segundo ele escolha ser resignado ou revolucionário. E é por essa escolha que ele é responsável. Não é livre para não escolher: ele está engajado, é preciso apostar, a abstenção é uma escolha. (SARTRE, 1999, p. 127).

Talvez uma correção seja necessária: pensamos que quando Sartre escreve que a pessoa “está” engajada, o mais adequado seria dizer que de partida ela é engajamento, uma vez que o excerto descreve uma condição existencial. É neste sentido, aliás, que irá se atentar para os efeitos de seus atos, escolhendo as lutas pelas quais valeria a pena lutar em seu tempo. Compreende que nada fazer é um modo de fazer. Assim, é preciso agir deliberadamente em direção às causas que considerasse justas. É neste sentido, como já dissemos, que irá, por exemplo, atuar ativamente na defesa dos resistentes em prol da libertação da Argélia da ocupação francesa, da oposição à ditadura civil-militar brasileira, em apoio à Revolução Cubana e em um diálogo que, embora sempre tenso, foi também profícuo com o mundo soviético e com os Partidos Comunistas.

É justamente por isso, aliás, que não é possível pensarmos em uma clínica psicológica de inspiração sartriana que possa ser apartada das condições que cada época nos coloca. Este é o sentido mais radical de uma afirmação como aquela feita pelo psiquiatra português José A. Carvalho Teixeira (2017, p. 237) de que “ser psicoterapeuta existencialista é fazer política”. Afinal, qualquer ação participa da construção de mundo, restando a determinar qual a direção intencionada por cada ato. No caso, que mundos nossas práticas clínicas têm construído? E que mundo ela abraça, agrega, acolhe, cotidianamente? São estes os caminhos das reflexões que passamos a fazer.

## UM SARTRE PARA NOSSO TEMPO: A CLÍNICA PSICOLÓGICA INSPIRADA EM SARTRE

Diante do argumento de que Sartre já não poderia mais oferecer grandes contribuições para a compreensão da existência e das questões a ela concernentes em nossos dias atuais, respondemos primeiramente que se o calendário acusa um novo século, parece que as mesmas questões que convocaram Sartre a se posicionar ainda ressoam em nosso cotidiano. Decerto a vida atual se mostra, aparentemente, menos árdua. Já não nos vemos atravessados pela ameaça constante das guerras; as condições de trabalho, também aparentemente, se mostram menos precarizadas; o avanço da tecnologia trouxe inúmeras facilidades para as indústrias, trabalho e a vida cotidiana

dos indivíduos. No entanto, o mesmo debate em torno das velhas dicotomias liberdade/determinação, indivíduo/sociedade, biológico/social, que envolvia a epistemologia filosófica moderna e fundamentava os contornos morais do século XX, se apresenta de forma acirrada na atualidade. Estruturas de classe, principalmente em países colonizados, perpetuam um abismo em torno da desigualdade socioeconômica, favorecendo uma experiência segregativa e discriminatória no âmbito social. O exacerbamento do individualismo, travestido por uma falsa liberdade autônoma, alicerçadas pelo sistema neoliberal, em que pese a exploração dos recursos, do tempo, das relações, colocam um acento no abismo indivíduo X coletividade, acarretando uma precarização cada vez maior da experiência coletiva<sup>4</sup>. Nesse cenário, o desempenho pessoal e a meritocracia são seus motores. Esses por sua vez são capazes de gerar uma sensação de fragilidade e culpabilização frequente. Essa experiência de precarização existencial acarreta fenômenos que hoje chamamos de patologização e medicalização da vida, gestadas pelo próprio modelo neoliberal, em que aqueles que, desviantes da norma de bem-estar e produtividade, são considerados inadequados. A clínica psicológica muitas vezes compactua com os critérios de normatividade compartilhados em nosso tempo histórico, assumindo um direcionamento corretivo e adaptativo aos apelos vigentes. Sabemos que em sua constituição, a psicologia, oriunda da tradição do pensamento ocidental moderno, se pauta na dicotomia sujeito/objeto, erigindo conceitos, demarcações prévias e aplicações de métodos em prol do mapeamento da subjetividade. Dessa forma, a psicologia clínica, de modo hegemônico, tende a perpetuar uma prática privativa, individualizada, apartada da compreensão histórica e social, em prol da restituição da normalidade, atribuída, na maior parte das vezes, ao âmbito subjetivo.

A preocupação em não encerrar a compreensão da existência a partir de conceitos previamente demarcados, possibilita que Sartre defenda uma ética existencial em que ser significa um contínuo fazer-se e uma eterna questão para si. Ao condenar a existência à liberdade, a questão do sentido e do valor são imanentes à realidade humana, entregando a ela um caráter ético originário. É por sermos livres que os sentidos são dados e compartilhados no mundo.

Desse modo, só é possível pensar em uma analítica psicológica, ou seja, num exercício de análise clínica, porque o ser do existente humano não está dado a priori. Só por isso é que podemos nos debruçar sobre a compreensão da existência de alguém. Se tudo fosse dado a priori, o ser humano seria apenas um exemplar de uma natureza prévia. Caberia à tarefa clínica apenas identificar os desvios dessa ordem prévia, na busca de uma readequação. É pelo caráter de indeterminação que a compreensão dos sentidos existenciais se faz pertinente em uma práxis clínica. E quando falamos de um ser que tem seu ser como questão, um ter-de-ser como tarefa de constituição de si, o seu *si* é também na mesma medida, para-outro, lançado no mundo histórico material, no qual o faz e também é feito. Por isso, falamos de um ser que se articula na co-

---

<sup>4</sup> Uma excelente análise sobre este processo no contemporâneo em relação ao mundo do trabalho pode ser encontrada em Castro (2020), *A subjetividade sem valor*.



pertença entre o singular e o universal. Essa co-pertinência se constitui como eterna historização, abarcando em sua singularização as questões de seu próprio tempo. É nessa medida que o pensamento de Sartre contribui para a compreensão da contemporaneidade, pois em sua filosofia não é possível tratar da dimensão singular, sem dar conta, a um só golpe, de uma determinada sociedade. Por isso, a dimensão da clínica, a partir de sua filosofia, não se separa da dimensão social e política da existência. Alteridade, ética e história se co-pertencem e contribuem para um fazer clínico comprometido com a singularização histórica.

Essa articulação dialética nos afasta de uma concepção individualista e privativa da clínica, como também se afasta, por outro lado, da ideia de uma universalidade abstrata, categorial e homogeneizada do ser humano. É justamente essa ideia de um humanismo universal ou de uma universalidade do humano que Sartre procurou combater. O enaltecimento de uma universalidade humana é sempre fundamentado por uma determinada concepção dominante de humanidade (como por exemplo, o modelo eurocêntrico burguês que Sartre criticava). Essa universalidade conceitual se afasta da própria experiência existencial, pois sendo a realidade humana indeterminação em seu próprio ser, ela não se reduz a uma representação geral e homogeneizada. O acirramento dessa homogeneização obscurece um campo diverso, múltiplo e ao mesmo tempo singular da existência. Por isso, o humanismo para Sartre (2012) não pode ser universal, no sentido de uma representação de um conceito abstrato. Mas também não se equivale a um quietismo subjetivista, encerrado em si mesmo, como algumas vezes foi criticado. O humanismo para Sartre é um exercício constante de liberdade, que ao se escolher, escolhe continuamente o humano como condição originária de cada um de nós. Cada um tem-de-ser a existência que é a sua, que a um só tempo implica seu contorno situacional. É nesse sentido que somos responsáveis por nós mesmos e também pela humanidade inteira, como nos disse Sartre. Por isso, os processos históricos não se transformam por si mesmos, mas sim porque a própria existência é histórica.

Nesse ensejo, o pensamento de Sartre atravessa de ponta a ponta as descrições da existência humana no concreto, nas condições materiais que a contornam. É nessa conjugação que a clínica se encontra como espaço de articulação do singular-universal. E com isso defendemos a atualidade de seu pensamento, pois se oferece como contribuição para reflexões relevantes que contornam o campo atual no qual exercemos nossa práxis. A multiplicidade de expressões de seu pensamento, seja nos textos filosóficos ou literários, no seu teatro de situações, nas lutas políticas, todo ele volta-se para a compreensão da existência sensível, situada e compreendida nessa totalidade singular-universal. E na medida em que a universalidade aparece sempre de forma singular, a clínica não pode ser considerada apartada dos contornos históricos que desde sempre nos constituem. Assim, como escuta singular, a clínica é escuta do universal. Portanto, os âmbitos social, político, comunitário são desde sempre horizontes de compreensão para a práxis clínica, pois já somos sempre um

111

modo de articulação existencial, ou como diria Sartre (2002), de encarnar o nosso tempo. Somos a história vivida ou história existida, como Sartre preferia chamar. Então, embora precisemos demarcar os lugares em que os temas existenciais são experienciados e articulados, não há o lado de cá, privado, individual, apartado, como não há o lado de lá, geral, homogeneizado, esvaziado do caráter singular. Se assim fosse, estaríamos falando de duas abstrações regionais. O compromisso da escuta clínica é a um só tempo acolhimento do singular, e escuta da diversidade, de cada realidade social, ao mesmo tempo que resguarda a liberdade como ato, como engajamento e por isso com o compromisso ético em compreender o modo como cada um de nós “encarna” nas palavras de Sartre, sua própria época. O lugar da clínica é, portanto, escuta e resguardo da possibilidade de transformação singular, que é ao mesmo tempo universal. Esse espaço de escuta e compreensão do modo como cada existente se constitui é também espaço de resistência, pois possibilita na dimensão singular compreender e colocar em questão o modo como cada um afeta e é afetado pelos contornos históricos, políticos, e sociais de nosso tempo, podendo abrir-se para outras possibilidades de ação. Nessa medida, a práxis do clínico é um desvendar ético e um aceno à dimensão política de forma mais originária. A existência abarca o caráter ético/político de existir com os outros e para os outros no tempo que é o nosso.

Sartre (2001) teceu críticas contundentes a uma determinada concepção de psicologia como aplicação de um conhecimento teórico, entendendo com isso a sobreposição de um método a partir de uma visão representativa e conceitual acerca do ser humano. Nessa concepção, o ser humano é tomado como um objeto substancializado e submetido a uma investigação. Atualmente, compreendemos como resistir a essa concepção, ainda se converte em um grande desafio para nós psicólogos, já que, como dissemos anteriormente, a psicologia em sua formação mais ampla perpetua esse modo de saber-fazer, oriundo de seu horizonte de constituição metafísica. Com isso, muitas vezes nos vemos tentados a fazer, mesmo sob as lentes das filosofias fenomenológicas e existenciais, uma nova guarida teórica. Podemos dizer que, para Sartre, onde a psicologia mais buscou alcançar os critérios de cientificidade, foi onde ela mais recaiu em uma abstração da existência mesma. Afastado de um enviesamento tecnocrático e instrumental, o pensamento de Sartre sempre nos lembra da importância do caráter mais originário, ou seja, da aproximação daquilo que se mostra por si mesmo em detrimento aos recursos interpretativos/conceituais que ainda podemos recair quando nos apropriamos dos saberes filosóficos.

Por isso, defendemos uma vez mais que o diálogo de Sartre com a psicologia não pode se dar buscando uma nova teoria psicológica. A teoria está sempre para além do real, da experiência sensível, pois ela coagula o próprio movimento temporal onde os fenômenos existenciais se mostram. Toda teoria parte de um recorte ou uma definição do ser humano, seja biológico, seja comportamental, seja psíquico. A teoria parte de certas identificações e muitas vezes atuam de modo a reforçar essa lógica identitária. Com isso, nos esquecemos que não são as identidades que constituem a existência, mas é a existência mesma, como novidade que torna possível a experiência de uma certa

identidade. É por isso que Sartre decide não dar continuidade ao projeto de escrever sobre a psique<sup>5</sup> sem antes se perguntar sobre o ser do existente humano, sobre como se constitui sua existência, para aí sim poder compreender as condições de possibilidade para determinadas experiências. Esse gesto fenomenológico de voltar às coisas mesmas acompanha todo o pensamento de Sartre. Por isso, consideramos oportuno repetir que a multiplicidade de seu pensamento se caracteriza justamente por esse movimento em prol da descrição da existência, atento às questões humanas que contornaram não só o seu tempo, mas também o nosso. E não só porque aqui ainda ressoam, mas porque abertos que somos, nossa existência é sempre atravessada por contornos históricos específicos. Então, pensar a existência é sempre pensar um determinado tempo histórico. Por isso, a clínica não lida somente com o existente singular, mas ao lidar com ele abarca um conjunto de questões que se inserem num determinado campo de relações desse existente. Foi isso que Sartre procurou mostrar nos projetos de seus analisandos de papel. É um retorno do universal para o singular e do singular ao universal, como um eterno vai-e-vem. (Sartre, 2002)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse breve percurso procuramos reposicionar as considerações críticas em torno de um certo ultrapassamento do pensamento de Sartre às questões da atualidade. Destacamos primeiramente a inseparabilidade entre filosofia, vida e engajamento quando tratamos do percurso da vida e da obra de Sartre. Com sua filosofia da ação, Sartre evidencia o quanto vida e obra estão inexoravelmente conectadas, de modo que sua compreensão disso coloca em movimento um fazer que é o próprio cerne de seu pensar.

Retomando as questões que mobilizaram este texto, quais sejam, se o pensamento de Sartre nos auxilia na reflexão dos problemas contemporâneos e, em específico, para uma psicologia clínica na atualidade, pensamos que suas contribuições seguem pertinentes. Uma pertinência que engloba o campo da clínica, mas não somente o dela, como também todo o campo da psicologia e das ciências humanas. Sua filosofia da liberdade continua nos desafiando e nos convocando a pensar novas reposições das questões da atualidade.

Na medida em que a existência é marcada pela indeterminação, o pensamento de Sartre é sempre um convite a esse exercício de pensar e re-pensar as costuras que contornam nosso campo histórico e o âmbito clínico no qual nos debruçamos. Nesse sentido, consideramos a clínica psicológica como movimento de acolhimento singular de um existente que é no mundo. É esta, aliás, a principal inspiração que o filósofo irá encontrar na fenomenologia: a possibilidade de compreensão da absoluta

---

<sup>5</sup> O ensaio publicado em 1939, chamado *Esboço para uma teoria das emoções*, corresponde ao fragmento de um projeto mais audacioso em que Sartre teria como proposta escrever um tratado de psicologia que se chamaria *A Psique*. Não levou adiante tal proposta por considerar inevitável se debruçar sobre questões mais originárias acerca de uma investigação ontológica sobre a existência humana.

indissociabilidade entre existente e mundo, singular e universal. Colocar em movimento as narrativas clínicas é colocar em movimento isso que sempre se dá em conjunto, sem instaurar novas dualidades que separam a realidade em dois polos.

Libertados [...] da “vida interior”; [...] pois afinal de contas tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros. Não é em sabe-se lá qual retraimento que nos descobriremos: é na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens. (SARTRE, 2005, p. 57)

Por isso a compreensão da experiência singular se dá como uma possibilidade de compreensão do mundo histórico que é o nosso e o aceno às possibilidades de resistência às determinações normativas desse mesmo mundo.

## REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. *La rivoluzione introvabile*. Soveria Manelli, Itália: Rubbettino Editore, 2008.
- CASTRO, Fernando Gastal de. *A subjetividade sem valor: trabalho e formas subjetivas no tempo histórico capitalista*. Curitiba: Appris, 2020.
- COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Sartre: uma biografia*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- KIRKPATRICK, Kate. *Simone de Beauvoir: uma vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
- LÉVY, Bernard-Henri. *O século de Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- PERDIGÃO, P. *Existência e liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. *Apresentação de “Les Temps Modernes”*. Praga: estudos marxistas, v. 8. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 117-129.
- \_\_\_\_\_. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Questão de método*. in: *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Situações I: críticas literárias*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes de bolso, 2012.
- \_\_\_\_\_. *As palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- TEIXEIRA, José A. Carvalho. *Ser psicoterapeuta existencialista é fazer política*. In.: CASTRO, Fernando Gastal de; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc (Orgs.). *J.-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- TRAVERSO, Enzo. *The Blindness of the Intellectuals: Historicizing Sartre's "Anti-Semite and Jew"*. October, v. 87. Cambridge, 1999. p. 73-88.

Submetido: 18 de julho de 2022

Aceito: 18 de agosto de 2022